



INTERVENÇÃO URBANA E (RE)SIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS

INTERVENTION URBAINE ET (RE)SIGNIFICATION DES ESPACES

Thiago Sobreiro dos Santos¹
Maria Tereza Aigner Menezes²
Elvys Souza Chaves³

RESUMO

A cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, é marcada pela sua geografia específica, uma ilha ligada ao continente pelas pontes que dão acesso a cidade. Entre esse espaço limitado de crescimento o centro da cidade é reconhecido pelo descaso com uma porção de monumentos abandonados. A situação se contrasta com a realidade das pessoas em situação de rua que circulam por toda a cidade diariamente, com a realidade de moradias precárias ou não moradia, no caso dos trabalhadores em teto e ainda assim, permanecem com as entradas seladas. A partir do problema exposto, esse artigo tem por objetivo discutir as relações de lugar e não lugares especificados pelo antropólogo Marc Augé, considerando os monumentos abandonados espaços de não lugar e o graffiti como forma de aproximação entre sujeito, arte e cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Graffiti; Intervenção urbana; Abandono; Não-lugar.

SOMMAIRE

La ville de Vitoria, capitale d'Espírito Santo, est marquée par sa géographie spécifique, une île reliée au continent par les ponts qui donnent accès à la ville. Entre cet espace limité de la croissance du centre-ville est reconnu pour négligence avec une partie de monuments abandonnés. La situation contraste avec la réalité des gens dans situation de la rue qui circule quotidiennement dans la ville avec la réalité du logement précaire ou non-logement, dans les cas des travailleurs au plafond et pourtant rester avec les entrées scellées. à partir du problème exposé, cet article vise à discuter les relations de lieu et de non-lieu spécifiées par l'anthropologue Marc Augé, compte tenu les monuments abandonnés les espaces sans lieu et le graffiti comme un moyen de rapprochement entre sujet, art et ville..

MOST-CLÉS

Des graffitis; Intervention urbaine; L'abandon; Non-lieu.

¹ Thiago Sobreiro dos Santos é aluno do oitavo período do curso de licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, estagiário do setor educativo do Museu do Pescador "Manoel dos Passos Lúrio", realiza pesquisas práticas e teóricas em arte urbana em suas variadas formas sendo um dos idealizadores do projeto de poesia "Poesia de Busão", atuando como grafiteiro e oficineiro em linguagens de arte urbana. Contato: thiago.sobreiro@gmail.com.

² Maria Tereza Aigner Menezes é aluna finalista do curso de licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões Cultura pela mesma universidade com pesquisas voltadas para o tema "Identidade e visualidade da periferia", realiza pesquisa prática e teórica em arte urbana e o corpo na cidade. Contato: mariamenezes2014@outlook.pt.

³ Elvys Souza Chaves é graduando em Arte Visuais pela UFES - Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do grupo de pesquisa Fresta: imagens técnicas e dispositivos errantes. Bolsista do programa de iniciação científica pela FAPES. Membro da crew Made in China, com intervenções urbanas e em realidade aumentada. Contato: elvys.cho@gmail.com.



A cidade é marcadamente reconhecida pelas construções que demarcam sua silhueta. Tratando-se de uma capital, acrescenta-se ainda, mais uma infinidade de prédios. Quando pensamos em uma capital dentro de uma ilha, como se dá a cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, que tem seu crescimento limitado aos aterros que se consegue fazer, torna-se óbvio que uma lógica mercadológica atuará sobre esse espaço como meio de aumentar preços sobre os pedaços desse solo que valerão muito. Ainda assim, com a lógica do mercado e os espaços de crescimento escassos dentro de uma ilha-capital que tem como parte de sua formação um maciço em seu meio que delimita ainda mais as possibilidades de crescimento, o abandono aos monumentos é assunto marcante no centro da cidade. Casas antigas com valor histórico, prédios de poucas décadas atrás e até monumentos tombados constituem essa lista.

Habitar uma cidade fora do continente engloba questões específicas aos seus transeuntes. Obviamente o espaço para construções é limitado ao pedaço de terra que a ilha possui, a entrada e saída envolve um deslocamento que depende das pontes. Assim acontece com a ilha de Vitória. Seus quase 97 km² se dividem entre casas, prédios residenciais e comerciais, shoppings, avenidas e principalmente uma formação rochosa, o Parque da Fonte Grande que ocupa toda região central da ilha. A cidade de Vitória se molda ao maciço, fazendo suas vias e construções em seu entorno, formando uma construção geográfica anelar.

Considerando toda peculiaridade dessa cidade e de sua formação, um problema invade as discussões sociais a respeito do espaço. Andando por regiões específicas da cidade, como por exemplo o centro, é perceptível a quantidade de prédios que existem e estão em situação de abandono. O centro econômico da cidade que já passou por duas alterações, a primeira da região de Santo Antônio para o centro, e a mais recente, que aconteceu nas últimas décadas, para o lado nordeste da capital, a região da Praia do Canto, fez com que a região do chamado centro histórico sofresse um processo abandono, deixando muitos prédios inutilizados, fechados com suas entradas impossibilitadas por tapumes e paredes de lajota. Parte dos edifícios da cidade perderam sua função social e hoje não são nem moradia e nem comércio, colocando em dúvida esse conceito de centro histórico. Como se



preserva a historicidade desse lugar e de suas construções se parte delas está constantemente sofrendo um processo de deterioração?

Esse vazio que habita os espaços destoa da realidade da cidade. Em sua realidade, é um fato a existência de uma população em situação de rua, das tentativas de ocupação feitas por grupos de trabalhadores sem teto que em alguns casos terminaram em despejo, o grande tempo de locomoção entre as cidades vizinhas que muitas vezes são moradia e os locais de trabalho, entre outros. Muitas são as implicações sobre a divisão do espaço na capital e essas implicações refletem na vida do trabalhador dos centros urbanos.

Nota-se que embora seja sabido quais são os problemas sociais que enfrentamos, ainda assim, existe uma prioridade em valorizar o privado, em manter fechado um espaço que pode cumprir uma função social de ser espaço habitado, de ser casa ou abrigo.

No texto “A lógica da desordem” o autor Lúcio Kowarick discorre sobre os mecanismos existente na cidade de São Paulo entre empregadores e o mercado imobiliário em baratear a responsabilidade do empregador sobre os custos de moradia do empregado e o interesse financeiro das imobiliárias em ganhar espaços e garantir a valorização dos mesmos. Quando os fatores se cruzam, o resultado são jornadas de trabalho cansativas e ainda estendidas pelo tempo de locomoção entre casa e trabalho, refletindo assim, sobre qualidade de vida e de moradia de toda uma classe social subordinada a essa rotina de trabalho.

Em outras palavras, submetido à engrenagem econômica da qual não pode escapar, o trabalhador, para reproduzir sua condição de assalariado e de morador urbano, deve sujeitar – se a um tempo de fadiga que constitui um fator adicional de esgotamento daquilo que tem a oferecer: sua força de trabalho. E como esta, pelo menos nos níveis de qualificação mais baixos, e abundante, a engrenagem econômica pode facilmente substituí-la tão logo o desgaste a que está sujeito faça decair sua produtividade (KOWARICK, 1979, p. 36).

Em comparação com uma metrópole como São Paulo, obviamente, Vitória é uma cidade bem menor, mas em termos de comparação entre a jornada estendida causada pelo transporte, a comparação se faz muito válida. Por exemplo um morador da região de Campo Grande, em Cariacica que se desloca até a região de Goiabeiras em Vitória, enfrenta trânsito na chegada da cidade pela manhã e ao voltar para casa no fim do dia, o mesmo com



as pessoas que se deslocam, por exemplo, entre o município da Serra com destino à Vila Velha, que precisam atravessar parte da ilha e do trânsito que a paralisa nos horários de pico, além de encarar horas de congestionamento nas pontes que ligam ilha e continente.

Essa condição de vida ocasionada pelas novas formas de se relacionar com a cidade e com os avanços tecnológicos e dos meios de transportes são características social e cultural do nosso tempo contemporâneo, diferente de qualquer outra geração, estamos virtualmente em qualquer parte do mundo, enquanto na realidade, nos encontramos presos em um transporte público de má qualidade, impossibilitados de acessar fisicamente tais lugares devido aos baixos salários e pouco tempo de lazer que resta em sua maioria apenas aos fins de semana.

Sobre essa nova forma de vida ocasionados por esses novos espaços da nossa geração, criados e difundidos na contemporaneidade, podem ser definidos como lugares e não-lugares. Tal definição cunhada pelo antropólogo Marc Augè os define da seguinte maneira

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. a hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos (AUGÈ, 2012, p. 73).

Os centros comerciais, terminais rodoviários, avenidas, shoppings centers, supermercados... todos os lugares da supermodernidade tem em sua configuração uma lógica que se volta ao consumo. Até mesmo as avenidas, esse espaço voltado para a locomoção, é possível contar em sua extensão os pôsteres e outdoors das mais variadas marcas e setores de venda. Esses lugares de passagem cujo objetivo final é de alguma forma a aquisição de bens materiais são os espaços em que não se dão as práticas sociais em que criamos identificação, relação ou história, são lugares de passagem.

Entre esses espaços que tomam nossa visualidade, estão os espaços abandonados, que não estão servindo a nenhum objetivo final além de ser parte de uma arquitetura urbana que vagarosamente se deteriora pelo desuso. Dificilmente podemos classificar essas arquiteturas como não-lugares, ainda que pensemos nessas construções como um lugar esquecido, uma parte que se passa sem que tome sua atenção, pois, obviamente esse espaço foi lugar um



dia, obviamente é um lugar de memória afetiva dos que moravam no espaço, que fizeram dele casa, entretanto, o que de fato significa hoje um lugar que se modifica apenas pela ação do tempo? Hoje, após anos, sendo esse um lugar esquecido e que para tantos se torna também apenas parte de uma rota, de um caminho, pode ainda ser um lugar?

Tal questão levanta um ponto importante sobre esses espaços. Onde não existe habitação, onde pouco se repara ao longo dos movimentos e mutações da cidade existe uma transformação acontecendo que pode ser o espaço de mudança e identificação dos monumentos abandonados.

Enquanto os não lugares associados aos movimentos acelerados e alienantes da capital que se deslocam constantemente e principalmente nos horários de pico, existe na arte uma motivação contrária, associada ao desejo de pertencer, ocasionando diversos tipos de intervenções tanto fora, quanto dentro dos edifícios.

Essas intervenções são feitas por pessoas que transitam a capital e que tem como intuito ter suas letras vistas por transeuntes comuns mas também por pessoas que fazem o mesmo tipo de trabalho. A esse tipo de intervenção, dá-se o nome de Graffiti. Não só de letras e tinta se faz sua produção, mas também stickers, lambe-lambe, sólidos urbanos... Segundo Erika Macêdo desde o surgimento desse fazer artístico, sua intenção inicial pode ser descrita como o desejo de fazer parte desse espaço e/ou corpo social que o sujeito sente-se como não pertencente. Em suas palavras,

[...] na década de 50, uma prática contestatória de origem europeia iniciada nas universidades e escolas de arte que uniu uma intenção política e um ato artístico para mudar o sistema econômico e político daquele contexto. As palavras e símbolos encontrados nessa época eram proposições engajadas. A segunda fonte de motivação identificada pelo filósofo francês é a prática protestatória de origem norte-americana nascida no fim da década de 60, na qual os autores eram oriundos de classes sociais não reconhecidas pelo sistema. De acordo com o autor, o objetivo dessa prática é uma tentativa de integração nesse contexto do qual esses sujeitos se veem excluídos (MACÊDO, 2016, p. 26-27).

Logo, entre outras motivações, existe um querer ser parte da urbe. Essa intervenção também surge da insatisfação de ter/ver uma cidade com cores uniformes, que faz com que a visualidade da cidade agrade a visão higienista de um parcela da população. Mas, se



considerarmos o sistema de arte de forma realista, ao entrar em uma galeria, vê-se os mesmos rostos de sempre, os mesmos rostos da universidade. Considerando a fundo a realidade de uma sociedade desigual e excludente, em que nem todas as pessoas frequentarão o ensino superior, a potência do Graffiti é justamente a forma democrática como ele se dá, nas ruas e ao alcance de todos. Nenhuma barreira visual impede que essa forma de arte cumpra seu papel de proporcionar ao outro uma experiência estética da realidade.

A forma das letras, as cores complementares, personas e traços que compõem essa mostra de arte em seu estado mais palpável é um ato subversivo frente a rotina alienante das mazelas de um transporte público inadequado, das longas jornadas de trabalho, de toda publicidade que invade a visualidade com o único objetivo de novamente nos coagir ao consumo, ao “querer ter” em detrimento do “poder ser/fazer”.

Assim como o processo de abandono e esquecimento torna o espaço um não lugar, o graffiti, novamente, ressignifica o mesmo. Este passa então a ser lugar de identificação geográfica para os que ali transitam, transformando um lugar visualmente abandonado em uma zona repouso visual para uma contemplação artística em meio ao caos do cotidiano urbano.

Em “O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visualidade” de Paulo Cesar da Costa Gomes. Ao questionar de que formas as imagens se relacionam com os meios, como podem influenciar ou não nossas relações, GOMES discute sobre a diferença entre olhar e visualizar determinadas imagens, sendo que, no segundo caso, o olhar foi seduzido pela imagem e essa não é mais uma informação entre outras, ela desperta o interesse do espectador. A partir de sua formação de geógrafo, Gomes ressalta a importância do espaço onde a imagem está inserida nesse processo de ganhar a atenção de quem vai consumir a imagem, pois o lugar dela pode favorecê-la ou não, sendo o contexto de inserção da imagem em determinado espaço também de suma importância. O autor destaca assim o conceito de cenário para se referir a essa relação de objetos e lugares. Em suas palavras

[...] uma história é constituída também pela maneira como se organizam pessoas, coisas, comportamentos em um espaço. Os lugares onde essa história se passa e as coisas e os comportamentos ocorrem são elementos



que, juntos, sempre produzem novos sentidos. As imagens das coisas não estão jamais separadas dos “lugares” onde elas são exibidas. Por isso, há sem dúvida, uma geografia que participa diretamente da produção de significações que nos veiculam as imagens (GOMES, 2013, p. 30-31).

As noções de espaço estão diretamente ligadas às práticas da arte urbana. Assim como a publicidade escolhe onde inserir seus anúncios a fim de serem percebidos pelo espectador, a produção de arte também se relaciona com o espaço com objetivo de produzir novos sentidos ao espectador desses trabalhos.

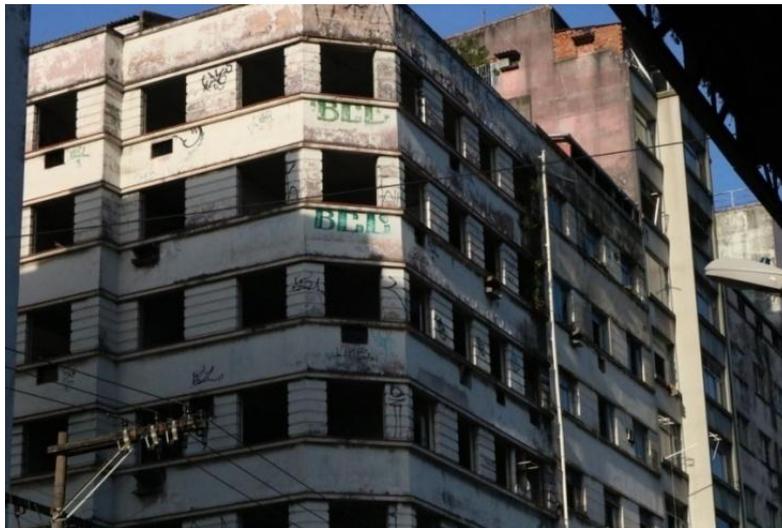


Figura 1 - Edifício localizado no centro da cidade de Vitória - ES, em frente ao Porto de Vitória, 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 2 - Graffiti próximo ao Parque Moscoso, em Vitória - ES, 2019. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 3 - Edifício localizado na rua do Rosário, no centro de Vitória - ES, 2019. Fonte: Arquivo pessoal.

O graffiti sozinho não dá conta dos problemas que a cidade tem e nem deveria. É necessário um interesse político em resolver tais questões referentes à moradia e qualidade de vida. Entretanto, como nas Figuras 1, 2 e 3 a arte desafia essa forma anti-democrática de tratar o espaço, altera a visualidade, questiona a realidade pacífica de mantermos a linha quase invisível que exclui ao invés de assimilar.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não – lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9º ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: Elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACÊDO, Érika Sabino de. **Pelos muros da cidade**: Uma leitura de imagem do Graffiti de Vitória. Vitória: [s.n.], 2016.